



RESSIGNIFICANDO O EIXO DA LEITURA PARA UMA PRÁTICA DE INTERAÇÃO SOCIAL E CRÍTICA

Jaíne dos Santos Gomes¹
Williany Larissa Gomes de Sá Souza²

RESUMO

Este artigo atenta-se à habilidade da leitura, eixo que pertence a disciplina de língua portuguesa, e assume grande importância nesta área do saber, uma vez que está intimamente ligada aos outros eixos do ensino de língua (oralidade, escrita e análise linguística), e presente nas aulas das demais disciplinas escolares, sendo essencial para o desenvolvimento do aluno em todas as áreas do conhecimento. O objetivo deste artigo é trazer um breve resumo a respeito da leitura e de como acontece o trabalho com este eixo na sala de aula, para isso, o estudo de autoras renomadas no assunto como Kock e Elias (2014), Solé (1998) Antunes (2003), Barbosa e Souza (2006), Brandão (2006) entre outras, fez-se necessário. Tais escritoras explicitam em seus textos a postura de muitos professores de língua portuguesa diante do desenvolvimento dessa habilidade, além de mostrarem as diferentes concepções que permearam e permeiam o seu ensino, apresentam sugestões para o seu trabalho no ambiente escolar, principalmente no que diz respeito a compreensão textual, pois formar leitores, que interagem com o texto, que atribuem sentido a ele e que sejam críticos, é essencial, uma vez que o aluno deve sair da escola preparado para participar ativamente da cultura letrada.

Palavras-chave: Leitura. Ensino. Leitores

INTRODUÇÃO

O ensino da língua portuguesa tem como objetivo primordial a ampliação das práticas comunicativas e discursivas dos alunos, fazendo com que eles se constituam cidadãos críticos e ativos em sociedade.

Na escola, o trabalho do professor de português deve abranger as quatro habilidades essenciais da comunicação: a leitura, a escrita, a fala e a escuta. A primeira delas, a leitura, ainda hoje se demonstra deficitária entre os discentes, desde o ensino

¹ Graduando do Curso de Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, jai_negomes@hotmail.com;

² Graduado pelo Curso de Letras da Universidade de Pernambuco - UPE, williany.lags@gmail.com;



fundamental I até o ensino médio, a dificuldade permanece sendo a mesma: a compreensão. Sem compreensão o ato ler se torna algo meramente mecânico e sem sentido.

Tendo em vista a importância da capacidade da leitura e a necessidade do seu aprimoramento no âmbito escolar, este artigo debruça-se sobre esse tema, tentando mostrar o que é a leitura, quais concepções de linguagem a influencia, e como deve ocorrer o seu ensino, a fim de formar estudantes letrados, que têm a prática da leitura como um hábito.

É oportuno frisar, neste momento, que este artigo traz como acervo teórico as ideias e concepções das autoras: Kock e Elias (2014), Solé (1998) Antunes (2003), Barbosa e Souza (2006), Brandão (2006) e Leal e Melo (2006), além de documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa.

Diante do exposto, alguns questionamentos sobre o eixo da leitura serão esclarecidos. Sendo estes:

- O que é leitura?
- Como ocorre o ensino da leitura nas escolas?
- Temos diferentes finalidades de leitura?
- Como estimular nos alunos o gosto pela leitura?
- O que são estratégias de leitura?

Esses e outros questionamentos serão esclarecidos mediante as informações dispostas no acervo teórico apresentado no referencial.

REFERENCIAL TEÓRICO

A leitura vem sendo um dos temas mais debatidos no âmbito educacional. No decorrer de décadas, ela assumiu diferentes concepções que influenciaram diretamente no seu ensino nas instituições escolares. Durante esse tempo, três grandes tendências se destacaram e modificaram a forma como ela deveria ser trabalhada são elas: a concepção que concebe a linguagem como expressão do pensamento; a que entende a linguagem como instrumento de comunicação; e a que percebe a linguagem como um fenômeno de interação social.



A primeira concepção – linguagem como expressão do pensamento – entedia a língua como tradução deste, os indivíduos que não conseguiam se expressar adequadamente, de acordo com essa concepção, não pensavam. Em decorrência dessa visão, o ensino da leitura era baseado em um processo de mera decodificação, no qual os professores preocupavam-se mais com a forma em que a leitura era realizada (utilizando entonação correta, fazendo o uso da pontuação, sem gaguejar) do que com o entendimento do discente acerca do texto lido e o seu posicionamento frente a este.

A segunda perspectiva – linguagem como instrumento de comunicação – surge a partir da década de 60 e entende a língua como um código a ser decifrado, o texto, na escola, seria apenas uma fonte de transmissão, um recipiente que guarda mensagens e informações, no qual a leitura serviria apenas para a extração de uma mensagem, e o leitor nada teria a contribuir com o texto.

A terceira perspectiva – linguagem enquanto interação social - entende a língua como prática social, pois é por meio dela que os sujeitos agem sobre o mundo. A leitura, nessa concepção, vai além da decodificação, a interação entre o autor, o leitor e o texto acontece de forma reflexiva, quem o lê, não recebe apenas uma mensagem, pelo contrário, age sobre ele constantemente, atribui-lhe sentido, assim, com a interação entre esses elementos, o sentido do texto se constrói. Sobre isso Barbosa e Souza (2006, p. 16) afirma que a leitura é

(...)atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza, evidentemente, com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia) e sua reconstrução no interior do evento comunicativo.

Apesar das inúmeras discussões que existem a respeito do trabalho com a leitura, a escola ainda vem fracassando no seu papel de ensinar. Muitos alunos ainda têm dificuldade em compreender textos. E essas dificuldades, muitas vezes, o fazem desistir de estudar como afirma Antunes (2003, p.29):

Com enormes dificuldades de leitura, o aluno se vê frustrado no seu esforço de estudar outras disciplinas e, quase sempre, “deixa” a escola com a inabalável certeza de que é incapaz, de linguisticamente deficiente, inferior, não podendo, portanto, tomar a palavra ou ter voz para fazer valer os seus direitos, para participar ativa e criticamente daquilo que acontece à sua volta.



Tal realidade ainda permanece nas escolas devido ao trabalho voltado as práticas antigas de leitura, centradas na codificação e na decodificação do código linguístico, ao uso de atividades desinteressantes para os alunos que não estão relacionadas à sua realidade ou que não despertam o seu interesse, pois são planejadas para fins meramente escolar (ANTUNES, 2003). Nesse sentido, as práticas de leitura da escola acabam se tornando diferentes das que os discentes têm contato em seu contexto social.

Sem dúvidas, essa realidade deve ser mudada e o papel do professor se faz importante, neste aspecto, pois para fazer com que as aulas de leitura não se tornem apenas momentos de atividade, ele precisa planejar adequadamente suas aulas, e principalmente, as situações que trará este eixo como foco de sua aula. Diante disso, fica evidente que o planejamento é essencial para a sua ação docente. Sobre esse processo Leal e Melo (2006, p. 40) afirmam que:

Se planejarmos uma boa rotina de trabalho, com estratégias eficazes de registro de situações bem sucedidas, armazenamento de recursos didáticos, classificação dos planejamentos de aula em pastas, por exemplo, podemos reaproveitar muito do que fizemos em um ano no ano seguinte. Nesse sentido, o planejamento ajuda a aproveitar melhor o tempo e a repensar o que fazemos em sala de aula. Se não planejamos, tornamos o trabalho repetitivo ou vazio. Como professoras, vemos claramente a diferença entre as aulas que foram planejadas e aquelas que precisamos conduzir sem refletir antes, sem calcular o tempo, sem organizar os materiais.

Leal e Melo ressaltam a organização da rotina diária do professor e os benefícios que isso traz a sua prática. Além dessa organização, ele deve ter objetivos, fazer escolhas adequadas às necessidades dos alunos, prevendo, assim, atividades significativas para eles. Nesse planejamento, com foco no eixo de leitura, o docente deve ter em mente suas diferentes finalidades, a fim de que ajude os alunos a perceberem que existem diferentes maneiras de ler e que cada ato de leitura é movido por um objetivo pessoal do leitor, objetivo este, que acaba guiando nossa leitura e influenciando na nossa interpretação, como afirma Solé (1998, p.22) quando diz que “a interpretação que nós leitores realizamos do texto depende grande parte do objetivo de nossa leitura. Isto é, ainda que o conteúdo de um texto permaneça invariável, é possível que dois leitores com finalidades diferentes extraiam informação distinta do mesmo”. Tendo em vista as inúmeras finalidades de leitura, citaremos neste trabalho algumas delas apontadas por Solé (1998) que merecem um olhar especial no processo de ensino e aprendizagem.



Nas situações de leitura em geral lemos por prazer, para obter informações, para seguir instruções, para aprender, para verificar o que compreendemos, para revisar um texto escrito, etc. Destas, merece destaque a leitura por prazer, uma vez que o propósito do ensino da leitura é formar leitores competentes, para isto, é necessário fazer com que os alunos adquiram o gosto por essa prática, pois “ler por prazer é o que nos faz leitores de fato, ou seja, é o que nos impulsiona a buscar mais e mais textos, é o que nos faz usufruir o direito de negar um texto, escolher outro texto, pedir sugestões, dar sugestões” (LEAL e MELO, 2006, p. 43).

No entanto, a realidade difere disso, muitos estudantes ainda afirmam que não gostam de ler, e apenas fazem uso dessa prática em momentos de obrigação na escola, situação que pode ser revertida com um trabalho docente que proponha aulas prazerosas de leitura, no qual sejam levados os mais variados gêneros textuais, que despertem o do interesse dos discentes, e que não se distanciem do contexto em que vivem, nem das leitura que têm contato no seu dia a dia. As atividades que envolvem o uso dessa habilidade devem, portanto, “promover situações em que o texto seja oferecido aos alunos como um presente, como um objeto de prazer, como fonte de deleite” (LEAL e MELO, 2006, p. 47).

Outro aspecto a ser apontado neste trabalho é o ensino das estratégias de leitura que usamos para interagir com o texto e ajudar na nossa compreensão. A princípio faz-se necessário apresentar o seu conceito. Para Solé (1998, p. 70) “as estratégias de compreensão leitora são procedimentos de caráter elevado, que envolvem a presença de objetivos a serem realizados, o planejamento das ações que se desencadeiam para atingi-los, assim como sua avaliação e possível mudança”. Em outras palavras, pode-se dizer que as estratégias estão relacionadas com nossa capacidade de conduzir a nossa leitura, planejando-a e refletindo sobre ela.

As principais estratégias de leitura citadas por Brandão (2006) são: *traçar objetivos para leitura, selecionar informações do texto, ativar os conhecimentos prévios, antecipar sentidos do texto, elaborar inferências e avaliar e controlar a compreensão do texto*. Traremos, de maneira simples, o que a autora pontua sobre cada uma delas.

A primeira, *traçar objetivos para leitura*, está relacionada ao seu propósito, o que determinará a maneira como o texto será lido e o que será prioridade durante esse processo. A segunda, *selecionar informações do texto*, ajuda o leitor na escolha, na



seleção das informações mais relevantes do que está sendo lido. A terceira, *ativar os conhecimentos prévios*, relaciona-se aos conhecimentos que o leitor já possui sobre o texto e que precisam ser ativados para auxiliar na sua compreensão. A próxima estratégia, a de *antecipação de sentidos*, está intimamente ligada a anterior, porém refere-se às hipóteses que realizamos antes e durante a leitura que serão confirmadas ou não. Na seguinte, de *elaboração de inferências*, temos as informações que não estão claras no texto, embora podemos deduzi-las “lendo nas entrelinhas, construindo novas proposições com base nas relações entre informações dadas no texto ou entre essas informações e os nossos conhecimentos de mundo” (BRANDÃO, 2006 p. 67). A produção de inferências é uma das maiores dificuldades apresentada pelos alunos. E, por fim, a última estratégia aqui citada: *avaliar e controlar a compreensão do texto*, que se volta ao processo de reflexão que o leitor faz sobre o texto em toda a sua leitura, observando o que compreendeu ou não do que leu, fazendo o que o for necessário para que essa compreensão se efetive.

Essas estratégias precisam ser ensinadas na escola pelo professor de forma que os alunos tenham contato com os mais variados textos, pois estes implicarão no uso das diferentes estratégias acima apresentadas. Como explica Brandão (2006, p. 69):

Como vimos, diferentes gêneros textuais e finalidades de leitura impõem estratégias de compreensão distintas. Desse modo, se propomos a leitura da seção de classificados de um jornal para buscar uma determinada informação, vamos, sem dúvida, oportunizar aos alunos o uso da estratégia de seleção, com menos possibilidades de proporcionar elaborações inferenciais. Por outro lado, numa proposta de discussão e dramatização de um conto em pequenos grupos, os alunos, provavelmente, terão várias chances de usar estratégias inferenciais.

Vale salientar, contudo, que essas estratégias não devem ser ensinadas como métodos em aulas específicas, e sim aprendidas nas situações diárias, sendo o docente um modelo para os alunos, discutindo o texto com eles, instigando seus conhecimentos prévios e as suas antecipações, trazendo informações que façam o texto ter mais significado, e ajudando os discentes a construírem o sentido desse texto.

Diante do exposto, fica evidente que o foco do eixo da leitura é a compreensão. Algo que implica não só os conhecimentos linguísticos do texto, mas também o conhecimento de mundo do leitor. Além disso, cabe ressaltar que não aprendemos a compreender textos de maneira fácil, isto, como foi dito anteriormente, deve ser



ensinado pelo professor para que no fim da vida escolar cada aluno tenha uma formação de leitor ativo, com capacidade de fazer uso desta habilidade na sociedade de forma consciente e crítica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A leitura é uma das ferramentas de comunicação social, por isso, deve ser aprimorada e concebida como um instrumento em que haja conexão e interação entre o locutor e interlocutor; para assim, desempenhar seu papel de promover a criticidade e a análise enquanto contribuinte da formação acadêmica e social do indivíduo.

Mediante as compreensões advindas de docentes quanto às concepções de leitura e sua importância para a vida do aluno, produz-se uma dualidade de acordo com o objetivo de que o ato de ler é fomentado através de uma ação e reação ocorrente entre remetente e destinatário, não apenas a identificação dos códigos e dos vocabulos que apresentam.

O resultado do ato de leitura e da percepção desta ação como fundamental para conduzir significados e criticidade, por parte do aluno, advêm das concepções de leitura e linguagem apresentadas por intermédio do mediador desta atividade, então, evidencia-se que o papel do docente neste exercício, o planejamento e, acima de tudo, a compreensão quanto as concepções de leitura para a formação do discente na integra, é de extrema importância.

Por meio do acervo teórico apresentado por autores que compreende a linguagem e a ação de leitura em suas facetas, assim como, a sua contribuição para a formação de um leitor, entende-se que a compreensão de linguagem e leitura induz ao professor uma atuação, e diante de tal concepção, perpassa para o aluno o entendimento do ato.



Tabela 1 – Reflexo da concepção de linguagem e leitura para professores e alunos

Concepções de linguagem	Professor	Aluno
Linguagem como expressão do pensamento	- Leitura como decodificação e boa fluência	Mero decodificador, passivo diante do texto.
Linguagem como instrumento de comunicação	Leitura para a transmissão de mensagem	Mero decodificador e receptor de uma mensagem
Linguagem como interação	- Leitura enquanto construção de sentidos e significados	Atribui sentido ao texto e constroem juntos significados

Fonte : Elaborado pelos autores

Na tabela identifica-se que quando o professor apresenta uma concepção de linguagem enquanto expressão de pensamento, a sua atuação promoverá no aluno a atividade de entender que ao ato de ler é um mecanismo de decodificação e de passividade diante do texto – captar esta representação do autor – empregando “ a arte do falar bem ”; quando há no docente a concepção de linguagem como instrumento de comunicação, o discente torna-se um mero decodificador e receptor de uma mensagem – não constroi informação mediante ao texto – empregando o texto como pretexto para a análise linguística e a transmissão de informação explícita. Já diante da concepção de linguagem como interação, o mediador compreende que o hábito de leitura é a construção de sentidos e significados, o alunado elabora a construção mediante ao texto de reflexão, havendo significados, realizando uma conexão com seu conhecimento de mundo e posicionando-se de maneira crítica e participativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou trazer algumas considerações sobre eixo da leitura. Com base no que foi exposto em todo texto, pode-se concluir que esta habilidade vem sendo estudada e analisada durante décadas. O seu conceito mudou durante esse tempo, assim como a forma de se ensinar a ler. A leitura não é mais vista como uma mera decodificação de signos linguísticos, ela vai além disso, traz consigo dois interlocutores que agem sobre o texto, cada um atribuindo-lhe um significado, assim ambos constroem o seu sentido.

Por ser um processo de interação a leitura não é fácil, vê-se que ela precisa ser ensinada de modo que os alunos tenham consciência que existem diferentes finalidades



de leitura e que estas fazem com que encontremos na sociedade variados gêneros textuais. Além disso, nota-se também que no âmbito escolar ainda existem situações em que o ensino desta habilidade em sala de aula aparece apenas para fins meramente escolares, o que contribui para desinteresse dos alunos pela leitura. Logo, fica evidente a importância de um planejamento que traga textos que sejam do seu interessante para serem trabalhados de forma que despertem o gosto por essa prática. Ademais, o professor também deve trabalhar com os alunos o uso de estratégias que ajude-os a compreenderem melhor o texto, uma vez que a compreensão é o ponto chave da leitura.

Diante disto, pode-se concluir que cada vez mais fica evidente a importância do papel do professor, uma vez que é de sua responsabilidade buscar meios para que os discentes se desenvolvam na leitura, além de incentivá-la como prática diária, dentro e fora do ambiente escolar. Resta dizer também, que o docente deve ter consciência que o ato de ler não é um ato mecânico e desprovido de sentido, este, deve buscar meios para que sua prática não se efetive de tal forma, tentando assim, aproximar os seus alunos das mais diversas situações de comunicação, nas quais precisará fazer uso de variadas habilidades nas mais diversas esferas sociais.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. Aula de português: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BARBOSA, M. L.; SOUZA, I. P. Sala de aula: avançando nas concepções de leitura. In: BARBOSA, M. L.; SOUZA, I. P. (Orgs). *Práticas de leitura no ensino fundamental*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 11-22.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrisi. O ensino da compreensão e a formação do leitor: explorando as estratégias de leitura. In: BARBOSA, M. L.; SOUZA, I. P. (Orgs). *Práticas de leitura no ensino fundamental*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 59-74.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Cadernos EJA 4: Trabalhando com a educação de jovens e adultos – Avaliação e planejamento*. Brasília: MEC/SECAD, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)*. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998.



KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2014.

LEAL, T. F.; MELO, K. R. Planejamento do ensino da leitura: a finalidade em primeiro lugar. In: BARBOSA, M. L.; SOUZA, I. P. (Orgs). *Práticas de leitura no ensino fundamental*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 39-56.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de Leitura*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.